ISSN: 2358-8829

ESTRATÉGIAS DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA NA INCLUSÃO DE ALUNOS COM TEA NA SALA COMUM

Deymissa Sousa de Melo[1]
Miguel Costa Silva[2]

INTRODUÇÃO

O presente estudo tem como objetivo analisar estratégias de intervenção pedagógica e práticas de apoio que favoreçam o processo de aprendizagem de estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no contexto da sala comum. A pesquisa caracteriza-se como qualitativa, de natureza descritiva, desenvolvida por meio de revisão bibliográfica, fundamentada na análise de produções acadêmicas e científicas relacionadas à educação inclusiva. Foram selecionados estudos que abordam intervenções pedagógicas aplicáveis ao ambiente escolar, possibilitando a identificação de práticas que contribuem para a participação e o desenvolvimento dos estudantes. Entre as estratégias destacam-se o uso de recursos visuais estruturados, a elaboração de planos educacionais individualizados e a utilização da ludicidade como recurso facilitador do ensino. Tais abordagens favorecem a organização das atividades, ampliam a compreensão dos conteúdos e estimulam o engajamento no processo educativo. Os resultados evidenciam a importância da atuação docente orientada por práticas intencionais, planejadas e inclusivas, que considerem as especificidades dos estudantes e promovam avanços nos aspectos acadêmicos, sociais e emocionais. Ademais, ressalta-se a necessidade de investimento na formação continuada de professores, tendo em vista os desafios ainda presentes na formação profissional para o atendimento às demandas da educação inclusiva, contribuindo para a construção de práticas pedagógicas mais equitativas e efetivas.

Palavras-chave: Transtorno do Espectro Autista, Intervenção pedagógica, Inclusão escolar, Aprendizagem.

INTRODUCÃO

Percebemos, na atualidade, um número expressivo de crianças diagnosticadas com o transtorno do espectro autista. Analisando as pesquisas recentes, ressaltamos que o conhecimento sobre o espectro se expandiu, levando-nos a entender que não houve um aumento real de casos, mas sim que surgiram mais estudos e conhecimentos sobre o TEA.

[1] Mestra em Docência em Ensino de Matemática e Ciências pela Universidade Federal do Pará.- UFPA. E-mail: deymissa01@hotmail.com Lattes: http://lattes.cnpq.br/7914259019070242
[2] Doutorando em Educação pela Universidade Estado do Pará – UEPA. E-mail: miguelpara@email.com Lattes: http://lattes.cnpq.br/1930749003196707

A maioria dos alunos encaminhados pela escola aos psicopedagogos eram diagnosticados apenas com dificuldades ou transtornos de aprendizagem. A criança com TEA, muitas vezes, acabava por ser excluída do convívio social escolar por não ser compreendida e pelo reconhecimento limitado do espectro.

Foi necessário incluir leis e práticas de inclusão escolar, bem como promover a conscientização de que pessoas com TEA podem e devem participar das práticas sociais, tendo suas limitações respeitadas e compreendidas. Diante da minha inquietação como professora, surgiu a seguinte questão: quais intervenções pedagógicas podem auxiliar no desenvolvimento das aprendizagens da criança com TEA na sala comum?

A partir deste questionamento, foram levantados dados por meio de revisão bibliográfica, com o objetivo de analisar as estratégias de intervenções pedagógicas e as práticas de apoio que favoreçam o aprendizado do aluno com TEA. São sugeridas possibilidades de intervenções que podem ser realizadas no âmbito educacional para auxiliar no desenvolvimento das aprendizagens dos alunos com TEA em sala de aula comum. A pesquisa é uma revisão bibliográfica baseada nos pressupostos da abordagem qualitativa e descritiva, com foco em estudos realizados entre 2017 e 2025.

Os resultados da pesquisa trazem as possibilidades de intervenções sugeridas para o trabalho com alunos com TEA na perspectiva da sala de aula comum, alinhando-se aos objetivos propostos na investigação.

2 METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

O presente estudo é uma pesquisa de revisão bibliográfica com abordagem qualitativa que apresenta estudos de trabalhos acadêmicos e científicos a fim de discutir o conhecimento acumulado sobreo tema. Consiste em uma metodologia analítica e descritiva da literatura existente. Conforme (Tako; Kameo, 2023, p. 13) a pesquisa de revisão bibliográfica “utiliza fontes bibliográficas ou material elaborado, como livros, publicações periódicas, artigos científicos, impressos diversos ou, ainda, textos extraídos da internet”.

Segundo Tako e Kamel “nas pesquisas qualitativas, o pesquisador faz uma abstração, além dos dados obtidos, buscando possíveis explicações (implícitas nos discursos ou documentos), para estabelecer configurações e fluxos de causa e efeito”. (2023, p. 52). Assim os autores afirmam que

> Os pesquisadores que utilizam os métodos qualitativos buscam explicar o por quê das coisas, exprimindo o que convém ser feito, mas não quantificam os valores e as trocas simbólicas nem se submetem à prova de fatos, pois os dados analisados são não-métricos (suscitados e de interação) e se valem de diferentes abordagens. (Gerhadt e Silveira, 2009, p.32)

A fundamentação teórica foi embasada a partir de pesquisas realizadas foram selecionados artigos científicos nas bases de dados do Google Acadêmico, Educapes, SciELO (Scientifc Eletronic Library Online), revistas digitais, livros, sites do Governo Federal e artigos disponibilizados no curso de Pós-graduação Lato Sensu em Transtorno do Espectro Autista: intervenções multidisciplinares em contextos intersetoriais da Universidade estadual do Pará.

Utilizamos como palavras-chave: “Autismo”, “intervenções e TEA”, “rotinas”, “ludicidade”, “autismo e aprendizagem”. A partir dos dados coletados nessas publicações, realizou-se uma análise sobre as práticas de intervenções realizadas na sala comum. Os artigos selecionados foram de 2017 a 2025.

Foram identificados diversos artigos que tratam da temática, dentre eles selecionamos 7 publicações que melhor contribuiriam para o estudo, sendo excluídos aqueles que não tratavam especificamente do objetivo do estudo. Este artigo analisou as possibilidades de intervenções que podem ser realizadas pelo professor em sala comum de ensino a serem desenvolvidas para crianças com TEA, os quais utilizamos como referências para diálogo com os autores, e serão apresentados na seção posterior do referencial teórico.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 O que apontam os achados?

Trazemos propositalmente para esta seção os 7 (sete) achados que selecionamos e informamos na metodologia. Não por acaso, essas publicações também nos direcionam para os referenciais que aqui apresentamos no quadro 1 a seguir:

Quadro 1 – Artigos encontrados sobre as intervenções realizadas na sala comum

TEMÁTICA	AUTORES/ANO DE PUBLICAÇÃO	OBJETIVOS DO ESTUDO	PRINCIPAIS RESULTADOS

Estratégias práticas de intervenção nos transtornos do espectro do autismo.	Maria Cláudia Brito (2017)	Apresenta as dificuldades dos profissionais que atendem crianças com TEA a de desenvolver atividades específicas e eficazes a partir de jogos.	O estudo destaca a importância de planejar e compreender seus objetivos e se as estratégias empregadas de fato podem levam aos objetivos pretendidos. A intervenção com uso de jogos e brincadeiras, por exemplo, não é "brincar por brincar", objetivos terapêuticos e educacionais devem estar claros para o profissional que atua e estes precisam saber orientar a família sobre isso.
Intervenções baseadas em brincadeiras para crianças autistas	Poliana Carvalho e Márcio Moreira (2024)	Fornecer estratégias eficazes para ensinar o desenvolvimento de habilidades do brincar para crianças autistas.	Contribui com evidências científicas sobre intervenções baseadas em brincadeiras para crianças autistas.
Plano Educacional Individualizado: implementação e influência no trabalho colaborativo para a inclusão de alunos com autismo	Daniel da Silva Costa et al, (2023)	Este estudo buscou descrever, por meio de um estudo de caso, a implementação do Plano Educacional Individualizado na fase de elaboração e verificar sua influência sobre o trabalho colaborativo da equipe docente em uma escola de ensino fundamental.	Os resultados mostraram melhora em cada dimensão do trabalho colaborativo da equipe escolar.
Elaboração de rotinas para estudantes com TEA no ensino fundamental.	Danielle Binda Coutinho (2023)	A importância da rotina e como organizá-la de maneira a atender as particularidades dos estudantes com autismo, orientando sua organização escolar.	Aponta os vários recursos disponíveis para a elaboração de uma rotina, concluindo com sugestões que orientem a organização de rotinas escolares, de maneira a proporcionar autonomia e segurança aos estudantes.
Ludicidade: a importância dos jogos e brincadeiras na	Rosenna Oliveira e Ana Rosa Albrecht (2021)	apresentar algumas contemplações sobre os jogos e brincadeiras no contexto inclusivo, pois é	os recursos lúdicos podem de fato contagiar os alunos do ensino fundamental, despertando o interesse pelo processo de ensino-

inclusão escolar dos alunos com transtorno do espectro do autismo (TEA) no ensino fundamental.		um fator de grande relevância para os alunos público-alvo da educação especial, garantindo a participação nas atividades lúdicas e contribuindo para o estímulo, criatividade e autonomia.	aprendizagem, respeitando às diferenças e a diversidade, tornando assim um elemento enriquecedor
Rotina na Inclusão de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) na Educação Infantil:	Sandra Oliveira e Rafaela Lima (2016)	investigar, a partir da concepção de docentes, se o planejamento da rotina usado por uma professora da sala de aula da educação infantil e uma da Sala de Recursos Multifuncionais (SRM) contempla a criança com TEA, além de conhecer estratégias de intervenções utilizadas e a importância da rotina para a criança com TEA	A disciplina e a organização docente é um aspecto importante para a intervenção educacional para o desenvolvimento das habilidades das crianças com TEA.
. Inclusão escolar e autismo: sentimentos e práticas docentes	Luana Stela Weizenmann et al. (2020)	investigar a experiência de professores em relação à inclusão de alunos com TEA, contemplando sentimentos e práticas docentes.	Com relação à prática pedagógica, foi verificado que os docentes realizaram adequações pedagógicas de acordo com as características de cada aluno.
A importância do brincar para o desenvolvimento psicomotor da criança autista.	Gabriela Pauxis Êsteves dos Santos, Scheilla de Castro Abbud Vieira (2022)	Analisar a importância dos jogos e brincadeiras lúdicas no ambiente escolar, possibilitando o desenvolvimento de múltiplas habilidades.	Recursos lúdicos se usados de forma inteligente e responsável, pode de fato contagiar os alunos do ensino fundamental, despertando o interesse pelo processo de ensino-aprendizagem, respeitando às diferenças e a diversidade, tornando assim um elemento enriquecedor.

Fonte: autoria própria (2025)

ISSN: 2358-8829

Ao nos debruçarmos nessas publicações, reunidas no quadro 1, evidenciamos que as práticas educacionais voltadas aos estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) se apoiam no planejamento intencional, na organização da rotina e no uso de estratégias lúdicas.

Em Brito (2017), Oliveira e Albrecht (2021), Santos e Vieira (2022) e Carvalho e Moreira (2024) encontramos os jogos e as brincadeiras como possibilidades para favorecer a aprendizagem e o desenvolvimento de diferentes habilidades. Entretanto, esses recursos não devem ser utilizados apenas como entretenimento, mas relacionados a objetivos educacionais definidos e às necessidades de cada estudante. Nesse processo, Brito (2017) também chama atenção para a importância da orientação à família, permitindo que ela compreenda os objetivos das estratégias utilizadas com a criança. Desse modo, a intencionalidade pedagógica e o diálogo com os familiares aparecem como elementos importantes para dar maior sentido e continuidade às intervenções realizadas.

Os estudos também apontam a necessidade de organizar o trabalho pedagógico considerando as singularidades dos estudantes com TEA e os diferentes contextos nos quais estão inseridos. Coutinho (2023) e Oliveira e Lima (2016) destacam a rotina como recurso que pode proporcionar previsibilidade, segurança e autonomia, enquanto Weizenmann et al. (2020) identificam adequações pedagógicas realizadas a partir das características de cada aluno.

Costa et al. (2023), por sua vez, evidenciam que a elaboração do Plano Educacional Individualizado pode contribuir para fortalecer o trabalho colaborativo entre os profissionais da escola. Esses estudos permitem compreender que a inclusão não depende de uma ação isolada, mas da articulação entre planejamento, estratégias pedagógicas, organização da rotina, trabalho colaborativo e participação da família. Nessa perspectiva, escola, profissionais e familiares precisam estabelecer diálogo sobre as necessidades, avanços e formas de apoio ao estudante, favorecendo maior coerência entre as ações desenvolvidas nos diferentes espaços de sua vida.

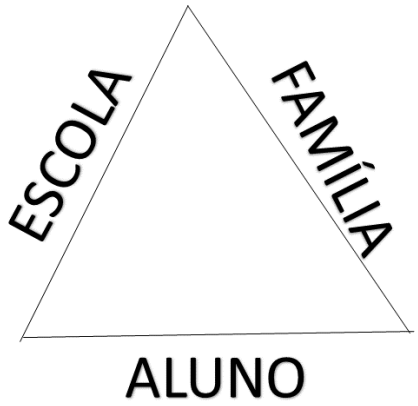
O primeiro passo para a inclusão é a informação. É necessário garantir que os professores tenham formação de qualidade e contínua para que possam propiciar a aprendizagem para todos os alunos. É crucial que todos estejam envolvidos nesse processo, não se limitando somente ao professor de sala comum, esta inclusão precisa ser compreendida como dever de todos envolvidos no processo educacional de modo que se

crie uma rede de ensino colaborativo. Não há inclusão em um ambiente escolar em que todos não estejam envolvidos no processo, conforme aponta Castro; et al (2005, p.1)

> O cenário "inclusivo" com profissionais isolados em seus espaços já sinaliza um caminho bastante desgastado para um número significativo de estudantes que acessam a escola, mas continuam à margem do processo de aquisição do conhecimento e/ou de serem compreendidos em suas especificidades.

A parceria entre família e escola será crucial e decisivo para o desenvolvimento do aluno com TEA. É necessário conhecer para construir conhecimento. Saber o que a criança já sabe e o que ela precisa aprender. No início do ano letivo as escolas devem realizar os diagnósticos iniciais da turma visando mapear quais as habilidades já estão consolidadas baseadas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), e isto também precisa ser feito com as crianças com TEA, porém buscando compreender não somente suas habilidades de aprendizagens, mas de comunicação, interação social, emocional e cognitiva. Partindo desse pressuposto, as pessoas que terão mais informações sobre essas áreas citadas serão da família. Portanto faz-se necessário a colaboração de todos os envolvidos neste processo: família e escola, sendo o foco central, conforme esquema apresentado na figura 1.

Figura 1 – Esquema de colaboração



Fonte: Melo, 2025.

A Figura 1 representada acima, mostra a importância da colaboração da escola, família e aluno, para a efetivação da aprendizagem do aluno. Ao entrevistar os pais é possível verificar como se dá a rotina da criança, quais suas preferências, sua alimentação,

comportamento frente ao novo. Segundo Almeida, et al (2011) a entrevista baseada na rotina é o método para chegar ao comportamento aluno.

3.2 Rotinas visuais

As rotinas são ações que ocorrem normalmente no dia a dia da criança, incluindo tarefas simples, como acordar, comer, tomar banho, brincar, hora de dormir passeios. Geralmente crianças com TEA possuem resistência a mudanças de rotinas, o que chamamos de rigidez cognitiva, isso justifica a importância de conhecermos a rotina da criança para tentar aproximar a rotina da escola a sua vivência de modo a não causar desconforto a ela.

> Pelo motivo das crianças com TEA, apresentarem resistência à mudança de ambientes deve ser avisado com antecedência através de imagens e do sistema oral toda e qualquer mudança com relação a rotina das programações futuras e inserir no contexto educacional das crianças o processo lúdico que favorece a integração entre eles. (Oliveira; Lima, 2016, p.10).

A proposta da rotina visual é trazer previsibilidade ao aluno do que será feito em cada etapa do dia. Segundo Oliveira e Lima (2016) “a rotina faz parte da vida de qualquer pessoa, e se tratando de crianças com TEA, é de fundamental importância o emprego do tempo, a sequência de ações, o plano diário, a rotina diária, a jornada de atividades e outros”.

Além da rotina visual, o plano especializado individual (PEI) é um instrumento que possibilita enxergar com clareza quais as habilidades que cada aluno precisa desenvolver dentre os aspectos sociais, cognitivos, emocionais e psicomotores, traçando metas e objetivos a serem alcançados a curto e longo prazo.

3.3 Plano Educacional Individual – PEI

É uma ferramenta que possibilita conhecer, avaliar, planejar e executar atividades para que o desenvolvimento do aluno aconteça, estabelecendo metas e norteando os próximos passos das intervenções em sala comum. Considerando que

> O impacto de um PEI na vida acadêmica de um estudante também é em grande parte determinada pelas estratégias de ensino adotadas para atingir objetivos de aprendizagem, são necessários novos estudos que investiguem como a adoção de um PEI pode auxiliar na organização de práticas de ensino mais efetivas para impactar o desempenho acadêmico de um estudante com deficiência. (Costa et al, 2023, p.20)

Portanto, aqui não só se avalia aspectos de aprendizagem voltadas ao que se espera de habilidades baseadas na BNCC referente ao ano de escolarização que o aluno se encontra, são avaliados aspectos sociais, vivência e interação com o mundo, percepção de si e dos outros entre outros.

O PEI é uma metodologia que que norteia algumas tomadas de decisões baseado em princípios como: funcionalidade, colaboração, individualização e formação. (Costa; Et al, 2023). Não há um modelo de PEI a ser seguido, cabe a cada professor e sua instituição traçarem quais aspectos serão avaliados e inseridos de acordo com o que se espera alcançar, traçando metas, objetivos e estratégias para que tais objetivos sejam alcançados.

É de suma importância que essa construção ocorra de forma colaborativa com os demais profissionais envolvidos no processo de aprendizagem da criança. pais, coordenadores, podendo inclusive ser alinhado ao PAEE (Plano de desenvolvimento de Educação Especial.

3.4 Ludicidade

As atividades lúdicas podem ser desenvolvidas a partir de jogos e brincadeiras coletivas ou individuais despertando nas crianças a vontade de aprender brincando. A brincadeira está presente na vida das crianças muito antes do convívio escolar: brincadeiras com os irmãos, com os pais, brincadeiras de roda ou de músicas que imitem sons e gestos e até mesmo a brincadeira de faz-de-conta. Carvalho e Moreira (2024) traz em seus construtos o brincar funcional que tem como característica usar apropriadamente um objeto e, o brincar simbólico que pode ser feito a partir da imaginação utilizando ou não objetos sem trazer seu uso funcional.

> “O papel do professor é de fundamental importância para trazer estratégias lúdicas no processo inclusivo do aluno com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA), utilizando dos jogos e brincadeiras. Então, cabe ao professor estar atento e observar metodologias de ensino apropriada, para que o interesse dos alunos não se perca e consequentemente caia no desânimo e se sinta desestimulados”.

O professor mais uma vez aparece como mediador do conhecimento. Sugere também a observação da metodologia para tanto devem ser realizados registros de

observações dos jogos aplicados aos alunos para perceber se ele traz os desafios propostos e alcança os objetivos traçados levando em consideração o nível de dificuldade para que seja desafiador.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao analisarmos os dados coletados evidenciou-se que as intervenções são essenciais para o desenvolvimento das habilidades cognitiva, sociais e emocionais das crianças com TEA, exercendo um papel fundamental que, quando planejado pensando em cada criança como única dentro do espectro poderá auxiliar significativamente este processo. Dentre o material coletado foram encontrados 7 artigos que tratam especificamente sobre as intervenções que podem ser realizadas e a importância da formação docente. A partir das pesquisas selecionadas constatou-se a necessidade de intervenções realizadas pelos professores e demais profissionais da educação buscando o desenvolvimento acadêmico e social dos alunos com tea. Ressaltamos ainda que tais intervenções sejam pensadas e adaptadas para cada criança de acordo com suas necessidades, tendo como suporte para este levantamento o plano especializado individual (PEI) que a partir deste documento possa ser traçada metas e objetivos a serem alcançados a curto e longo prazo. Costa (2023) enfatiza que ao registrar as evoluções dos alunos em um diário de campo é possível analisar as interações, evoluções e progressos em consonância com os objetivos estabelecidos no PEI.

A formação do professor aparece em destaque como primordial para que tais intervenções aconteçam de modo satisfatório, sendo a falta de conhecimento do professor ou dos profissionais que atendem a criança no contexto escolar um dos maiores impedimentos que as intervenções sejam realizadas de modo pontual e efetivo. Brito reforça que

> As particularidades comportamentais e a expressiva variabilidade de apresentações clínicas demonstradas por pessoas com TEA, aliados à escassez de formação profissional eficaz e de recursos em Saúde e Educação para esta área no Brasil, são fatos que contribuem para o expressivo volume de dúvidas e desdobramentos que o tema Intervenção nos TEA traz à tona. (Brito, 2017, p. 16)

O conhecimento é a chave para a aprendizagem. Segundo Rodrigues e Sales (2024) afirmam que é necessária formação especializada para a atuação dos educadores

afim de atender ao público da educação especial. Santos (2018) ressalta que assim como o professor, a escola precisa assumir a postura de inclusão, mesmo sendo uma tarefa desafiadora, entendo que isso seria romper o compromisso somente com uma categoria de alunos entendendo que as diversas categorias chegam ao ambiente escolar diariamente.

Corroborando com Santos, Rodrigues e Sales (2024) dizem que a formação será um aparato pedagógico para que o docente saiba como conduzir o trabalho diante das múltiplas deficiências vivenciadas em sala de aula. Ainda nesta perspectiva, Oliveira e Lima (2016) reforçam que as crianças já trazem o conhecimento prévio de interações sociais antes mesmo de frequentar a escola, quanto antes a criança esteja na escola melhor será seu desenvolvimento social e cognitivo social e emocional

Dentre as estratégias de intervenções sugeridas citamos a rotina visual que é um instrumento importante e essencial para as crianças que apresentam rigidez cognitiva trazendo previsibilidade do que ocorrerá em sua rotina escolar. Nessa mesma direção, (Coutinho, 2023, p. 14) ressalta que "uma sequência de atividades previsíveis traz mais tranquilidade na realização das tarefas, permitindo início, meio e fim de cada processo. Oliveira e Lima (2006) sugerem que novos estudos sejam realizados visando traçar caminhos e estratégias a serem desenvolvidas em sala de aula. Assim como o PEI e as rotinas, a ludicidade parece como recurso de aprendizagem possibilitando aos alunos aprender brincando. Carvalho e Massolin (2021) trazem mais uma vez a importância do conhecimento do professor em relação as especificidades de cada aluno deste modo conseguirá entende-los recursos, matérias e jogos visando o desenvolvimento destes alunos. Como já mencionado, a prática da utilização de intervenções pedagógicas ampliará os conhecimentos sociais, emocionais e cognitivos do aluno com tea.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo buscou analisar as estratégias de intervenções pedagógicas e as práticas de apoio que favoreçam o aprendizado do aluno com TEA, destacando sugestões de intervenções a serem desenvolvidas o desenvolvimento social, emocional e cognitivo. A inclusão ainda é tema de discussões e a falta de conhecimento dos professores ainda aparece como barreira para que essas estratégias sejam realizadas.

Os construtos aqui estudados possibilitaram a fundamentação teórica reforçando a importância e necessidade de que essas estratégias de intervenções sejam realizadas. Há

inúmeras possibilidades de intervenções pedagógicas que possibilitam o aprendizado, mas nos limitamos somente na construção do PEI, rotinas visuais e a ludicidade evidenciando a utilização de jogos pedagógicos.

A ludicidade propiciada pelos jogos educativos utilizando materiais concretos e visuais além de mais atrativo desperta maior interesse dos alunos. Trazer os demais profissionais envolvidos no processo educacional assim como os pais para essa construção do conhecimento, terá maior eficácia garantido que os objetivos sejam alcançados.

É importante ressaltar que nem sempre alcançaremos os objetivos traçados e que o professor não deve sentir-se frustrado por isso. Sabemos que o professor como mediador do conhecimento, sempre estará em busca de propiciar aprendizagem, entendendo que o conhecimento estará centrado no aluno pensando neles como único e acreditando que todos eles podem aprender.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Isabel Chave de; et al. Práticas de intervenção precoce baseadas nas rotinas: Um projecto de for mação e investigação. In: **Análise Psicológica.** 2011. Disponível em: https://scielo.pt/pdf/aps/v29n1/v29n1a06.pdf. Acesso em: 28 mar. 2025.

American Psychiatric Association – APA. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais:** DSM-5. Tradução de Maria Inês Corrêa Nascimento et al. 5 ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

BRITO, Maria Cláudia. **Estratégias práticas de intervenção nos transtornos do espectro do autismo.** E-book saber autismo. 2017. Disponível em: www.saberautismo.com.br. Acesso em: 09 jun. 2025

CARVALHO, Poliana Ferraz; MOREIRA, Márcio Borges. **Intervenções baseadas em brincadeiras para crianças autistas.** Brasília – DF: Instituto Walden4, 2024.

CASTRO, Elias Brandão de; et al. O Ensino Colaborativo e a Inclusão Escolar de Estudantes Público da Educação Especial: uma Revisão da Literatura. **Revista Cocar**. V.22 N.40/2025 p.21.

COSTA, Daniel da Silva; Et al. Plano Educacional Individualizado: implementação e influência no trabalho colaborativo para a inclusão de alunos com autismo. **Revista Brasileira de Educação**. V. 28 e280098, 2023.

COUTINHO, Danielle Binda. **Elaboração de rotinas para estudantes com TEA no ensino fundamental.** Produto Educional. UNESP -Presidente Prudente, 2023. Disponível em:

OLIVEIRA, Rosenna Carvalho; ALBRECHT, Ana Rosa Massolin. **Ludicidade:** a importância dos jogos e brincadeiras na inclusão escolar dos alunos com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) no ensino fundamental. Trabalho de Conclusão de Curso. 17 f. Centro universitário internacional, Uninter, 2021.

OLIVEIRA, Sandra Maria de; LIMA, Rafaella Asfora. **Rotina na Inclusão de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) na Educação Infantil:** O que dizem os professores? Trabalho de conclusão de Curso de Pedagogia. UFPE, 2016, 21 p. disponível em: https://www.nti.ufpe.br/documents/39399/2404730/OLIVEIRA%3B+LIMA+-+2016.1.pdf/c3ede42c-9e93-4246-97c3-c7faef3f9cb4. Acesso em: 8 jun. 2025.

RODRIGUES, Sandra Regina de Morais Cunha; SALES, Luis Carlos. Necessidades formativas do professor Frente à demanda de Alunos da educação especial em classes comuns. **Revista Brasileira Ed. Especial**, Dourados, v.30, e0097, p.1-16, 2024.

TAKO, Karine Vaccaro; KAMEO, Simone Yuriko. (Orgs). **Metodologia da pesquisa científica.** Campina Grande, PB. Editora Amplla, 2023.